

# VELHOS HORIZONTES, NUEVAS MIRADAS

Andrea Ciacchi

Professor do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

---

Na introdução de um plano de disciplina (“Seminário Avançado em Teoria I”), para o PPGAS da UnB, em 2008, o prof. Gustavo Lins Ribeiro escrevia que “a antropologia brasileira necessita ampliar seus debates teóricos, metodológicos e políticos com diferentes perspectivas latino-americanas uma vez que somos parte dessa região do mundo”. O duplo ponto de vista dessa afirmação estava situado no reconhecimento de que na América Latina existem “dois debates dos mais elaborados”: as discussões sobre *decolonialidad del poder* e sobre *interculturalidad*. Por isso, então, o outro lado desse ponto de vista situava-se na posição mais ampla desse nosso colega, que, pelo menos desde meados dos anos dois mil, busca compreender e nos ajuda a enxergar “las antropologías del mundo” ou as “world anthropologies” (Ribeiro, 2005).

Sabe-se, também, que um dos pais nobres da antropologia brasileira havia buscado ampliar os seus pontos de vista e os seus horizontes desde, pelo menos, 1990, quando, na UNICAMP, idealizara e organizara o “Seminário sobre Estilos de Antropologia”. Quinze anos antes dos primeiros artigos de Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira convocara um grupo de antropólogos para discutir “resultados de pesquisa e possibilidades de encetar novas na área da história e da etnografia da disciplina” (Cardoso de Oliveira, 1995: 7). Nessa reunião, Leonardo Fígoli abordara “a antropologia na Argentina e a construção da nação”, enquanto Hebe Vessuri, professora argentina radicada na Venezuela, que tem se dedicado a estudos de história da ciência e da tecnologia, no meio de uma discussão teórico-metodológica sobre estilos nacionais de antropologia, dedicou a sua atenção a alguns aspectos da antropologia venezuelana.

Fígoli (antropólogo argentino ativo na UFMG desde 2006), entretanto, depois da sua tese de doutorado, dedicada ao campo antropológico da Argentina, sob a orientação de Cardoso de Oliveira, não se dedicou mais a esses temas nem orientou trabalhos nessa perspectiva. O próprio Lins Ribeiro, que nunca deixou de se dedicar a essas questões, tampouco formou pesquisadores que tenham se dedicado ao estudo das antropologias na América Latina.

Vistas assim as coisas, e mesmo reconhecendo a limitação desses poucos (porém significativos) exemplos, pareceríamos obrigados a endossar e a parafrasear o velho lugar comum: a antropologia brasileira estaria “de costas”

para a América Latina, ou melhor, de costas para a antropologia praticada na América Latina.

Mas, com um paradoxo anatômico-institucional: de costas e de braços abertos. Uma rápida e assistemática busca pela Plataforma Lattes, em janeiro de 2015, permitiu registrar 85 pessoas que, nascidas em outros países da América Latina, realizaram ou realizam estudos de Antropologia no Brasil (de graduação ou pós-graduação, incluindo estágios de pós-doutorado) e/ou trabalharam ou trabalham em instituições brasileiras de ensino superior, lecionando disciplinas de Antropologia. Dessas, 37 são argentinas, 18 colombianas, 11 uruguaias, 5 venezuelanas. México e Chile estão representados com quatro colegas cada, e Suriname, Cuba, Ecuador, Paraguai, Panamá e Bolívia, com um cada<sup>[1]</sup>. Uma etapa sucessiva de uma busca desse tipo (além de permitir dados mais completos e confiáveis) poderia, no contexto de um projeto de pesquisa com mais fôlego, verificar os temas principais de interesse desses colegas. E, também, em contexto mais amplo ainda, valeria registrar a presença de antropólogos brasileiros desenvolvendo atividades de ensino e pesquisa em outros países da América Latina. Tudo isso, é claro, não está nem de longe ao alcance deste pequeno e despretensioso texto.

O que se pretende, aqui, a partir dessas primeiras considerações e desses dados ainda muito precários, não é, portanto, repetir o lugar comum, mas, antes, começar a liquidá-lo.

Para tanto, e também em razão da minha recente chegada à Universidade Federal da Integração Latino-Americana, venho desenvolvendo um interesse específico para alguns temas de antropologia latino-americana, em particular de história de alguns campos antropológicos da América Latina<sup>[2]</sup>. Com isso, não pretendo cumprir o chamamento do prof. Lins Ribeiro, inclusive e sobretudo porque, como veremos, o meu olhar se lança, prioritariamente para o século XIX. Pretendo, sim, nesta pesquisa, levantar fontes e recursos bibliográficos iniciais que sirvam de base ao desenvolvimento de um mapa das instituições (museus, faculdades, Institutos históricos e geográficos, círculos intelectuais etc.) e das personagens que, a partir dos processos de independência de alguns países da América Latina (primeira metade do século XIX), perfazem a preparação, o surgimento e a consolidação do campo de estudos da

Antropologia social e cultural na Região. Nesta fase inicial, os países abordados são a Argentina, o Uruguai, a Colômbia, o Chile e o Peru, e o período considerado 1810-1930.

A Antropologia Social e Cultural, se quiséssemos insistir na metáfora bourdieusiana do “campo”, é mais, propriamente, um conjunto articulado de pequenas propriedades agrícolas, lindeiras a grandes latifúndios. Se olhássemos – cartograficamente – esse cenário de cima, enxergaríamos um panorama variegado, multicolorido, policultivado, sinuoso. Roberto Cardoso de Oliveira referiu-se, em várias oportunidades (2003; 2001) à dialética e à tensão entre antropologias “centrais” e “periféricas”, sendo que todas as latino-americanas (mas não só elas, pois há periferias também nas antropologias europeias) pertenceriam a esta última categoria. Se aqui – em rápida síntese – está um dos meus pontos de partida, também é necessário esclarecer, desde já, que às implicações topográficas das relações entre centro(s) e periferias, no caso dos campos antropológicos nacionais, também se acrescentam, do meu ponto de vista, informações e considerações sobre o tamanho relativo desses campos articulados e comunicantes. Entendo, aqui, por “tamanho”, a consequência das suas respectivas idades, lembrando, como é óbvio, que consideramos “centrais” aquelas antropologia mais “antigas”, surgidas em meados ou finais do século XIX: na França, na Grã Bretanha, na Alemanha e nos Estados Unidos, na ordem, *grosso modo*, cronológica. Dessa forma, considero que as antropologia periféricas (e, de agora em diante, as antropologias latino-americanas das quais pretendo me ocupar) são mais “jovens” e “menores” do que as centrais, embora tenham sido alimentadas, mediante a circulação de homens e de livros, de teorias e de práticas etnográficas, desde esse mesmo século XIX e desde a Europa e os Estados Unidos.

Em outras palavras: considero a necessidade de investigar, documentar, mapear e compreender os contextos da possibilidade de surgimento de antropologias nacionais, na América Latina, a partir das primeiras décadas do século XIX. A institucionalização dos campos antropológicos, como sabemos, é mais tardia, tendo que ser localizada nas primeiras três ou quatro décadas do século XX (com variações específicas, em alguns países, que também é necessário localizar e compreender). Dessa forma, e agora parafraseando o

mestre Antonio Candido, proponho-me a *reconstruir a história das elites intelectuais latino-americanas no seu desejo de ter uma Antropologia*. Nesse propósito, está inscrita a hipótese pela qual esse desejo encobriu, em muitos casos, talvez em quase todos, outro desejo ou, melhor, a necessidade, de ter uma imagem, um caráter nacional, a serem construídos em forma de “narrativas competentes”. Essa hipótese possui a capacidade de obrigar o investigador a não desprezar quase nenhum discurso entre os que foram proferidos, na América Latina do século XIX, sobre os mais variados aspectos das nações que se encaminhavam e chegavam, afinal, à soberania política e à independência. Nesse sentido, assim como bem sabemos para o caso brasileiro (cf., sobretudo Schwarcz, 1993; Corrêa, 2001), assiste-se a uma progressiva aproximação de intelectuais (médicos e juristas, em primeiro lugar), “cientistas” (também médicos, além de “naturalistas” com formação variada, de acordo com as tradições nacionais e mesmo coloniais), formuladores de políticas (“engenheiros” das nações, também juristas) e instituições acadêmicas e/ou científicas, no contexto mais amplo das construções de naciones, ou mesmo *nation building* (Cardoso de Oliveira, 2001; Peirano, 1991).

256

Entre os “produtos” desses movimentos de aproximação (que incluem, como é óbvio, também fases de afastamentos, silenciamentos, elipses), estão as representações, frequentemente acompanhadas de consequências cruéis, dos/sobre os “outros internos” (cf. Segato, 2007; García Botero, 2010; Verdesio, 2004; Repetto Iribarne, 2015), as práticas e as ideologias da tutela e do indigenismo, fábulas e mitos de fundação nacional, mas, também, e em direção cada vez mais contrária (ideológica e epistemologicamente), o surgimento e a consolidação de instituições dedicadas à pesquisa etnográfica e antropológica, dentro e fora dos modelos universitários mais tradicionais. Em suma, as narrativas, as práticas (discursivas, ideológicas, políticas e militares) do século XIX constituem, no meu entendimento, o contexto de possibilidade da formação das antropologias latino-americanas do século XX. Nisso, acompanho Foucault (1987, 1991), por entender que a disciplina antropológica não criou espontaneamente o seu campo de significado, mas, ao contrário, apenas deu legitimidade (inclusive acadêmica) a uma determinada articulação de significados, que transitam em outras esferas. Ela filtrou e ordenou (disciplinando, nesse sentido) discursos que a antecederam.

Na demanda urgente por classificar, descrever, ordenar e hierarquizar as várias experiências das alteridades sociais e culturais das suas nações, as elites intelectuais latino-americanas (inclusive nos momentos em que essas elites também desempenhavam o papel de elites econômicas, sociais e políticas) buscam ferramentas que lhes facilitassem a tarefa. A Antropologia social e cultural, na maioria desses países, só se configura como ferramenta adequada em meados do século XX, quando, porém, a tarefa já estava ressignificada, devido às injunções da própria história global e regional. Assim, os retalhos teóricos e epistemológicos que, no século anterior aportaram nas várias instituições científicas e acadêmicas encarregadas de mapear as nações (como as teorias raciais, por exemplo), passariam a integrar a formação e a prática das antropologias latino-americanas, à espera da formulação de contribuições teóricas mais originais.

Assim, embora seja oportuno e urgente (como está indicado, mais uma vez, no apelo de Lins Ribeiro) penetrar com firmeza nos séculos XX e XXI<sup>[3]</sup>, não há como descartar as vicissitudes do século XIX. Nessa perspectiva, finalmente, e diferentemente do que se faria numa abordagem apenas do caso brasileiro, é obrigatório incluir nesse desenho de investigação, o campo da Arqueologia, assim como se desdobra e se apresenta em vários países da América Latina nos quais essa disciplina contribuiu, em medida igual e com teor parecido à Antropologia, na definição das narrativas às quais me referi (cf. Haber, 2004).

Parece-me muito relevante, também, um outro elemento, a justificar a urgência de pesquisas dessa natureza. A saber, a necessidade de “antropologizar” a história da Antropologia, na América Latina, à imitação do que é praticado, já há vários anos, nas Antropologias “centrais”, sobretudo a partir da produção pioneira de George Stocking Jr. E do Clifford James. Em alguns dos países da América Latina (Argentina, Uruguai, Colômbia, Chile e Peru estão entre eles) começa a afirmar-se, lenta mas significativamente, o renovado interesse pela investigação reflexiva sobre o “passado” das suas respectivas tradições antropológicas. É, aliás, a partir justamente dos trabalhos de alguns colegas ativos nesses países que as nossas próprias pesquisas, aqui no Brasil, devem iniciar a sua jornada. Entretanto, é só na Colômbia (Botero, 2009;

Echeverri Muñoz, 1999; García Botero, 2010; Langebaek, 2008; Lasso, 2007; Páramo Bonilla, 2010; Lissett Pérez, 2010; Pineda Camacho, 2007; 2009a; 2009b), com mais força, e, parcialmente, na Argentina (Arenas, 1989-1990; Stagnaro, 2003; Garbulsky, 2003; Visacovsky e Guber, 2002; Podgorny, 2000), que essa tendência alcança resultados quantitativamente significativos.

Finalmente (e não num intervalo, como costuma acontecer com os “comerciais”), gostaria de mencionar uma ferramenta que, imagino, possa ajudar no esforço de localização da produção antropológica da e na América Latina. Em [antropolatina.pro.br](http://antropolatina.pro.br), online desde novembro de 2014, disponibilizo um instrumento que permite circular com rapidez pela Antropologia latino-americana. Imagino que estudantes e pesquisadores de várias áreas, dentro e fora da Antropologia, sentem a necessidade de ter acesso a uma produção que é muito maior, mais rica e diversificada do que uma única tradição nacional permite perceber. A intenção inicial era construir um repositório de revistas de Antropologia da América Latina. Muito rapidamente, entendemos que o campo latino-americano da Antropologia (da Antropologia Social e Cultural, mas, também, da Arqueologia, da Antropologia Biológica e da Antropologia Forense) apresenta um perfil institucional muito peculiar, que o cenário das suas revistas, sozinho, não permitiria observar. Nessa perspectiva, gostaria que *Antropolatina* fosse, também, um lugar virtual de comunicação, diálogo e intercâmbio entre antropólogos e estudantes de Antropologia de toda a região, inclusive com a possibilidade (a ser visibilizada em novos links, ainda em construção) de divulgar eventos, chamadas de trabalhos, concursos, seleções de cursos etc.

258

### Referências Bibliográficas

ARENAS, Patricia. 1989-1990. “La antropología en la Argentina a fines del siglo XIX y principios del XX”. *Runa*, Buenos Aires, Instituto de Ciencias Antropológicas y Museo Etnográfico J. B. Ambrosetti, UBA, Facultad de Filosofía y Letras, 19: 147-160.

BOTERO, Clara Isabel; Carlos Henrique LANGEBAEK. 2009. *Arqueología y etnología en Colombia*. La creación de una tradición científica. Bogotá: Editorial de los Andes.

BOTERO, Clara Isabel. 2009. “El surgimiento de museos arqueológicos y etnográficos: laboratorios de investigación y espacios para la visibilidad, divulgación y exhibición del patrimonio arqueológico y de las sociedades indígenas”. In: C. Langebaek y C. Botero (comps.). *Arqueología y etnología en Colombia*. Bogotá: Editorial de los Andes. pp. 197-215.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1995. Apresentação. In: Roberto Cardoso de Oliveira e Guilherme Raul Ruben (orgs.). *Estilos de Antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 7-11.

\_\_\_\_\_. 2001. “Vicisitudes del “concepto” em América Latina”. In: Miguel Leon-Portilla (coordinador). *Motivos de la Antropología Americanista*, México: Fondo de Cultura Económica. pp. 73-84.

\_\_\_\_\_. 2003. “Por uma etnografia das antropologias periféricas”. In: *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 143-159.

CIACCHI, Andrea. 2007. “Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica”. *Revista de Antropologia*, 50(1): 181-223.

CORRÊA, Mariza. 2001. *As Ilusões da Liberdade*. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 2a ed. Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco.

ECHEVERRI MUÑOZ, Marcela. 1999. “El Museo Arqueológico y Etnográfico de Colombia (1939-1948): La puesta en escena de la nacionalidad a través de la construcción del pasado indígena”. *Revista de Estudios Sociales*, 3: 104-109.

FÍGOLI, Leonardo H. G. 1995. “A antropologia na Argentina e a construção da nação”. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto e Guilherme Raul Ruben (orgs.). *Estilos de Antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 31-63.

FOUCAULT, Michel. 1987. *A arqueologia do saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. 1999. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes.

GARBULSKY, Edgardo. 2003. "La antropología argentina en su historia y perspectivas. El tratamiento de la diversidad, desde la negación/omisión a la opción emancipadora". Ponencia presentada a las *I Jornadas Experiencias de la Diversidad*- Centro de Estudios sobre Diversidad Cultural- Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario. Rosario, Argentina. Disponible en: [http://polsocytrabiigg.sociales.uba.ar/files/2014/03/Garbulsky\\_AntropArg.doc](http://polsocytrabiigg.sociales.uba.ar/files/2014/03/Garbulsky_AntropArg.doc).

GARCÍA BOTERO, Hector. 2010. *Una historia de nuestros otros. Indígenas, letrados y antropólogos en el estudio de la diferencia cultural en Colombia (1880-1960)*. Bogotá: Editorial de los Andes.

HABER, Alejandro F. (compilador). 2004. *Hacia una Arqueología de las Arqueologías Sudamericanas*. Bogotá: Uniandes.

KROTZ, Esteban. 1996. "La generación de teoría antropológica en América Latina: silenciamientos, tensiones intrínsecas y puntos de partida". *Maguaré*, Universidad Nacional de Colombia, 11-12: 25-39.

\_\_\_\_\_. 2006. "La diversificación de la antropología universal a partir de las antropologías del sur ». *Boletín Antropológico*, enero-abril, Universidad de los Andes, Mérida, 24(66): 7-20.

\_\_\_\_\_. 2007. "Las antropologías latinoamericanas como segundas: situaciones y retos". In: Fernando García (compilador). *II Congreso Ecuatoriano de Antropología y Arqueología* (Balance de la última década: aportes, retos y nuevos temas), tomo I, Quito: Abya-Yala/Banco Mundial Ecuador. pp. 40-59.

LANGEBAEK, Carl Henrik. 2008. "La ambigüedad de la diferencia: liberales y conservadores en la conformación de la antropología y la arqueología colombianas". In: JARAMILLO E., Luis Gonzalo (comp.). *Arqueología em Latinoamérica*. Historias, formación académica y perspectivas temáticas. Bogotá: Universidad de Los Andes. pp. 85-108.

LASSO, Marixa. 2007. "Un mito republicano de armonía racial: raza y patriotismo en Colombia, 1820-1812". *Revista Estudios Sociales*, 27: 32-45.

LISSETT PÉREZ, Andrea. 2010. “Antropologías periféricas. Una mirada a la construcción de la antropología en Colombia”. *Boletín de Antropología*, Universidad de Antioquia, 24(41): 399-430.

PÁRAMO BONILLA, Carlos Guillermo (2010). “Decadencia y redención. Racismo, fascismo y los orígenes de la antropología colombiana”. *Antípoda, Revista de Antropología y Arqueología*, 11: 67-99.

PEIRANO, Mariza. 1991. *Uma antropologia no plural: três experiências*. Brasília: Editora da UnB.

PINEDA CAMACHO, Roberto. 2009a. “Los campos de investigación de la antropología en Colombia. Una perspectiva histórica (1941-2008)”. *Boletín de Historia y Antigüedades*, XCVI(844): 45-63.

\_\_\_\_\_. 2009b. “Cronistas contemporáneos. Historia de los Institutos Etnológicos de Colombia (1930-1952)”. In: LANGEBAEK RUEDA, Carl Henrik e Clara Isabel BOTERO (eds.). *Arqueología y etnología en Colombia: la creación de una tradición científica*. Bogotá: Ediciones Uniandes. p. 113-171.

\_\_\_\_\_. 2007. “La antropología colombiana desde una perspectiva latinoamericana”. *Revista Colombiana de Antropología*, 43: 367-385.

PODGORNY, Irina. 2000. *El argentino despertar de las faunas y de las gentes prehistóricas*. Coleccionistas, estudiosos, museos y universidad en la creación del patrimonio paleontológico y arqueológico nacional (1875-1913). Buenos Aires: Eudeba/Universidad de Buenos Aires.

REPETTO IRIBARNE, Francesca. 2015. *Indígenas en Uruguay: un debate entre la negación del estado y las narrativas de los descendientes de charrúas actuales*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

RIBEIRO, Gustavo Lins. 2005. “World Anthropologies. Cosmopolitics for a new global scenario in anthropology”. *Série Antropologia*, Universidade de Brasília, 377: 1-24 .

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1994. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

SEGATO, Rita. 2007. *La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa em tiempos de políticas de la identidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

VERDESIO, Gustavo. 2004. “La mudable suerte del amerindio em el imaginario uruguayo: su lugar en las narrativas de la nación de los siglos XIX y XX y su relación con los saberes experto”. In: HABER, Alejandro (comp.). *Hacia una Arqueología de las Arqueologías sudamericanas*. Bogotá: Universidad de los Andes. pp. 115-150.

VESSURI, Hebe M. C. 1995. “Estilos Nacionais da Antropologia? Reflexoes a partir da sociologia da ciencia”. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto e Guilherme Raul Ruben (orgs.). *Estilos de Antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 155-173.

VISACOVSKY, Sergio e Rosana Guber (compiladores). 2002. *História y estilos de trabajo de campo em Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia.

Andrea Ciacchi

262

Professor do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
[Currículo Lattes](#)

---

[1]A busca foi limitada a portadores do título de doutor. Também por isso, por exemplo, não entram nesta relação os alunos da graduação em Antropologia da minha própria instituição, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Há, entre eles, uruguaios, argentinos, ecuatorianos, chilenos, paraguaios e colombianos. Dois uruguaios, da primeira turma de 2011, acabam de ser aprovados nos mestrados em Antropologia da UFSC e do Museu Nacional.

[2]Minha pesquisa atual, “*Antropologias na América Latina: trajetórias e instituições. Fase 1*” relaciona-se com as minhas atividades acadêmicas a partir do meu estágio de pós-doutorado (UNICAMP, 2005-2207), e aos meus interesses na história da Antropologia brasileira (Cf. CIACCHI, 2007).

[3]Nessa perspectiva, é muito rica a produção do mexicano Esteban Krotz (1996; 2006; 2007).